

VOL - XIX
(19)

N.º 1

N.º 376

INFLUENCIA
DA
RELIGIÃO CHRISTÃ
SOBRE O DESENVOLVIMENTO
PHYSICO E INTELLECTUAL DOS POVOS

Dissertação Inaugural

PARA

ACTO GRANDE
SEGUIDA DE NOVE PROPOSIÇÕES

APRESENTADA

À

ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO

PARA SER DEFENDIDA

POR

MANOEL AUGUSTO GONÇALVES PAVÃO

SOB A PRESIDENCIA

DO

EXCELLENTISSIMO SENHOR

Eduardo Pereira Pimenta

LENTE DA 9.ª CADEIRA



PORTO
IMPRESA POPULAR DE MATTOS CARVALHO & VIEIRA PAIVA
67 — Rua do Bomjardim — 69
1876

19/1 EMC

Para o dia 13 de janeiro de 1876,
pelos 12 horas da manhã.

Presidente - O Ex.^{mo} Sr. Eduardo Pereira
Pimenta.

O Ex.^{mo} Sr.

seguintes { Antonio Joaquim de Moraes Cabral,
Manoel Rodrigues da Silva Pinto,
Antonio d. Proença Maya,
Augusto Henrique d'Almeida Brandão

ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO

DIRECTOR

O ILL.^{mo} E EXC.^{mo} SNR.

CONSELHEIRO MANOEL MARIA DA COSTA LEITE

SECRETARIO

O ILL.^{mo} E EXC.^{mo} SNR.

MANOEL DE JESUS ANTUNES LEMOS

CORPO CATHEDRATICO

LENTES PROPRIETARIOS

OS ILL.^{mos} E EXC.^{mos} SNRS.

1. ^a Cadeira — Anatomia descriptiva e geral.....	João Pereira Dias Lebre.
2. ^a Cadeira — Physiologia.....	Dr. José Carlos Lopes Junior.
3. ^a Cadeira — Historia natural dos medicamentos. Materia Medica.....	João Xavier d'Oliveira Barros.
4. ^a Cadeira — Pathologia externa e therapeuticamente externa.....	Ilidio Ayres Pereira do Valle.
5. ^a Cadeira — Medicina operatoria....	Pedro Augusto Dias.
6. ^a Cadeira — Partos, molestias das mulheres de parto e dos recém-nascidos.....	Dr. Agostinho Antonio do Souto.
7. ^a Cadeira — Pathologia interna. — Therapeuticamente interna e historia medica.....	José d'Andrade Gramaxo.
8. ^a Cadeira — Clinica medica.....	Antonio d'Oliveira Monteiro, presidente.
9. ^a Cadeira — Clinica cirurgica.....	Eduardo Pereira Pimenta.
10. ^a Cadeira — Anatomia pathologica....	Antonio Joaquim de Moraes Caldas.
11. ^a Cadeira — Medicina legal, hygiene privada e publica e toxicologia geral.....	Dr. José F. Ayres de Gouveia Osorio.
Curso de pathologia geral.....	Antonio d'Azevedo Maia.
Pharmacia.....	Felix da Fonseca Moura.

LENTES JUBILADOS

Secção medica.....	{ Dr. José Pereira Reis.
	{ Dr. Francisco Velloso da Cruz.
	{ Visconde de Macedo Pinto.
Secção cirurgica.....	{ Antonio Bernardino d'Almeida.
	{ Luiz Pereira da Fonseca.
	{ Conselheiro Manoel M. da Costa Leite.

LENTES SUBSTITUTOS

Secção medica.....	{ Manoel Rodrigues da Silva Pinto.
	{ Antonio d'Azevedo Maia.
Secção cirurgica.....	{ Manoel de Jesus Antunes Lemos.
	{ Augusto Henriques d'Almeida Brandão.

LENTE DEMONSTRADOR

Secção cirurgica.....	Vago.
-----------------------	-------

A escola não responde pelas doutrinas expendidas na dissertação e enuncia-
das nas proposições.

(REGULAMENTO DA ESCOLA DE 23 DE ABRIL DE 1840,
ARTIGO 155.º)

A SEUS PAES

COMO EXPRESSÃO DE MUITO RESPEITO E AMOR FILIAL, E DE GRATIDÃO
PELOS SEUS GENEROSOS SACRIFICIOS

OFFERECE

O VOSSO FILHO

Manuel

A SEUS IRMÃOS

COMO PROVA DE MUITA AMIZADE E DA MAIS AFFECTUOSA DEDICAÇÃO

OFFERECE

O Auctor.

AO SEU AMIGO

Manuel José Gonçalves Russo

Este trabalho, que é o remate das minhas e vossas aspirações, indica o principio da nossa separação; longe de vós, porém, terei sempre presente o mais nobre sentimento que a minha alma vos consagra: AMIZADE SINCERA. Também em parte vos pertence, porque constantemente vos encontrei ao meu lado para partilhades commigo as felicidades e agruras da espinhosa e difficil carreira que emprehendi.

O VOSSO INTIMO AMIGO

Manuel Parão.

AO SEU PRESIDENTE

O EXCELLENTISSIMO SENHOR

Eduardo Pereira Pimenta

COMO PROVA DA MAIS SUBIDA CONSIDERAÇÃO AO SEU TALENTO E QUALIDADES,
E DE RECONHECIMENTO NUNCA ESQUECIDO

OPFEREBE

O Auctor.

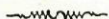
AO SEU COLLEGA E VELHO AMIGO

Antonio Ignacio Coimbra

OFFERECE

© Auctor.

INTRODUÇÃO



«Admiravel cousa é por certo que a religião
«christã, parecendo só mirar á felicidade da ou-
«tra vida, é a que faz nossa ventura n'esta.»

MONTESQUIEU—Espirito das leis.

Quando as conquistas do povo romano, sob o vi-
goroso sceptro de Cesar Augusto, confundiam n'um só
quasi todos os povos então conhecidos, começaram a
brilhar com esplendor glorioso as multiplices manifesta-
ções do espirito humano. Após as sanguinolentas bata-
lhas, que este heroico povo ferira no empenho de conse-
guir o dominio universal, veio finalmente a paz, e com
esta a abundancia e a alegria. No meio d'este bem es-
tar desenvolveram-se como que espontaneamente os ger-
mes das civilisações dos diversos povos, que se acharam
agrupados sob o mesmo governo, por fórma que se em
todas as esferas da actividade humana predomina o
caracter geral d'esta grande nação, todavia não deixam
de impressionar o observador consciencioso as diversi-
dades provenientes da differença dos povos, cada um
dos quaes outr'ora constituiria nação á parte.

É também por isso que ao lado das grandes virtudes, que dão na historia um nome honroso a esta famosa nação, apparecem innumerous vicios e defeitos, para os quaes todos e cada um dos povos conquistados tinham dado não pequeno contingente.

Apreciando devidamente os factos e os homens da epocha de Augusto, e comparando-os com os das epochas anteriores, não podemos deixar de admirar o grande desenvolvimento a que tinha chegado, ainda que por evolução lenta, a humanidade, e de confessar que este seculo marca um grande passo na estrada do progresso e da civilisação. O desenvolvimento da agricultura e da riqueza publica; a paz que os povos gosavam, fechadas as portas do templo de Jano; o impulso vigoroso dado á poesia, á historia, á philosophia e á oratoria; n'uma palavra, o amor do estudo e da sciencia que então se apoderou dos animos desejosos de tudo investigar, tudo comprehender e de grangear um estado e posição cada vez melhores e mais aperfeiçoados, sobejamente justificam a denominação de *seculo de ouro* dada a esta epocha, que viu fundarem-se bibliothecas publicas, organisarem-se sociedades litterarias e discutir-se publicamente o merito de suas obras. Virgilio, Horacio, Ovidio, Tibullo, Hygino, Pollião, Propercio, Mecenas, Tito Livio, Cicero e muitos outros são os grandes homens que, fundindo os cabedaes recebidos das idades antecedentes com os seus proprios adquiridos por engenho e estudo no tempo da pacificação do estado, elevaram a civilisação romana ao seu maior esplendor.

Mas é bem certo que na natureza humana nada é perfeito. Ao passo que n'este seculo verificamos as bellas producções de talentos tão subidos, entrando um pouco mais na vida intima dos povos, para já não fal-

larmos na sua organização e constituição politicas, deparamos com vicios organicos, que passando da prática para a legislação, e d'aqui não raras vezes para as obras philosophicas e litterarias, elevando-se assim á altura de theorias systematicamente defendidas, vão minando a constituição da familia, e com esta, que é a base, a da propria sociedade romana, arrastando para uma ruina certa essa civilisação, que se figurava tão duradoura.

É que o espirito humano, como um e indivisivel que é, precisa de se desenvolver harmonicamente em todas as suas manifestações, sem que alguma das faculdades prevaleça sobre as outras, aliás, perdido o equilibrio, segue-se fatalmente a queda.

As faculdades humanas são solidarias, como o proprio homem o é para com toda a humanidade. O mal d'um não póde deixar de influenciar nos outros; e assim acontece. Ora entre os povos, que formavam o vasto imperio romano na epocha de que vamos fallando, os costumes estavam profundamente corrompidos. Ainda que houve philosophos, que bem mereceram da moral e da religião pelos esforços empregados para elevar a idéa do bem e da virtude á altura, que lhes é propria, e expurgal-os dos falsos conceitos, que os envolviam, é certo que suas palavras apenas produziram effeitos locais e muito passageiros, quando não foram meros echos que a humanidade mal ouviu, e imperturbada soffreu, que passassem, sem remediar o mal que a affligia. E qual era o reformador que teria coragem necessaria para fazer triumphar as idéas justas no meio d'uma sociedade altamente corrompida, que, demais, tinha por si immensas seitas e escolas, que systematicamente defendiam principios erroneos e immoraes? Onde encontrar um ho-

mem virtuoso que juntasse á palavra o exemplo que é o maior incentivo das massas?

O mal existia, e alguns dos proprios philosophos o conheceram; mas não poderam nem quizeram dar-lhe remedio. Folheem-se as obras, que nos legou a antiguidade, e alli encontraremos a prova do que fica dito. Baste, por todos os que podiamos citar, Cicero, que exclama: «*Quotusque philosophorum invenitur qui sit ita moratus, ita anima ac vita constitutus, ut ratio postulat? qui disciplinam suam non ostentationem scientiae, sed legem vitae putet? qui obtemperet ipse sibi, et decretis suis pareat?*»¹. E o proprio Cicero, que assim fallava, para não ter de procurar muito longe a prova das suas palavras, era de costumes muito reprehensíveis e bem pouco edificantes.

As consequencias, que necessariamente haviam de advir de estar falseada a idéa do bem e da Divindade, que são as bases da moral e da religião, juntem-se uma exagerada propensão aos prazeres sensuaes, e uma vontade guiada quasi exclusivamente por paixões, e não nos causará estranheza que as escolas philosophicas e religiosas, então mais acreditadas e seguidas, como a platónica, stoica, peripatetica ou aristotelica, epicurista e a academica entre os pagãos do occidente, o gnosticismo no oriente, e as seitas dos phariseus e sadduceus entre os judeus, ensinassem erros funestissimos á moralidade dos povos, taes como a negação da immortalidade da alma, a justificação do odio aos inimigos, a legitimidade da provocação do aborto e da exposição dos filhos, a apologia da intemperança, do repudio, di-

¹ Quaest. 2.^a

vorcio e até do perjúrio. ¹ A todos estes desvarios accresceu a incerteza, a que os espiritos foram arremesados pela escola da nova academia, que longe de lançar as bases, como alguém tem pretendido, da duvida methodica, que só muitos seculos depois Descartes elevou a systema, era a imagem do scepticismo de Pyrrho, como se vê das obras de Cicero, o maior ornamento d'aquella escola, principalmente no seu tratado *De natura Deorum*. Não nos admirará, pois, o vêrmos convertidos em leis estes perniciosos principios. Falla bem alto a legislação romana, principalmente no que diz respeito á constituição da familia: a mulher, contrahindo matrimonio, não ficava igual ao marido, mas cahia sob o seu poder, que foi bastante illimitado; os fructos d'estas uniões não eram caros filhos, que os paes devessem considerar como o sangue do seu sangue, mas meros escravos, que elles podiam castigar barbaramente, condemnar em julgamento domestico á morte, e até vender como qualquer movel ou predio; este poder barbaro e desmoralizador não se estendia só aos *productos* de sua mulher—o *pater-familias* durante a sua vida era o chefe legal de tudo quanto nascia em sua casa até se estender aos filhos de seus filhos, e ainda aos d'estes se tanto vivesse; o divorcio e repudio, sem motivo algum, eram plenamente auctorisados e repetidissimas vezes usados! ²

É facil de prever os elementos dissolventes e prejudicialissimos, que tal moral e direito encerravam, e os effeitos que deviam produzir; e, para não citarmos especificadamente mais nenhum factó, basta dizer que os

¹ Mosheim—Comment. de rebus Christ. ante Const. M.

² Giraud—Hist. du droit romain; Macheldey—Manuel de droit romain.

adulterios eram tão frequentes, que foi necessario a publicação da lei Julia para com penas severas, em tempos posteriores ainda mais aggravadas, vêr se se podia fazer parar tão terrivel desmoralisação.

Tal é o quadro que nos apresenta o vasto imperio romano no seculo de Augusto. Abundancia, riqueza, paz, desenvolvimento das sciencias profanas, mas o mal corroendo toda esta felicidade, a immoralidade campeando por toda a parte, porque não era conhecida a idéa do bem em toda a sua pureza, e o melhor, que n'este ponto descobriram os philosophos, ainda era despresado na prática, porque as idéas da Divindade e da vida futura, que são o maior esteio da moral, andavam cercadas de mil opiniões pueris e conceitos absurdos, chegando a imaginarem-se deuses á semelhança dos homens com todos os seus vicios e paixões. Por isso com razão dizia Cicero: «*Absque recto de iis, quæ ad divinitatem pertinent, iudicio, in summo errore necesse est homines versari.*»¹

Não escapou aos homens de então a necessidade da reforma dos costumes, tanto mais urgente quanto o progresso das sciencias, posto que estas estavam affectadas dos vicios e corruptelas dominantes, lhes ia apontando o precipicio para que caminhavam; e, na impotencia de lhe dar prompto remedio, limitaram-se, qual outr'ora Jeremias, a lastimar o quadro deploravel, que então offerecia o mundo, auspiciando que em breve appareceria de entre os homens da sciencia um robusto redemptor que, aproveitando das descobertas feitas o que n'ellas houvesse de bom e justo, despresando e condemnando o que houvesse de mau e pernicioso, juntando os seus

¹ De nat. Deorum. L. I., et de Divinit. L. II.

proprios conhecimentos, e refundindo tudo isto com mão ousada e cabeça ativa, como é proprio dos justos que têm a consciencia da bondade da cruzada que empreendem, apontasse á humanidade as bases solidas e verdadeiras de uma sã moral conforme á natureza humana, e dêsse forte e segura sancção ao ensinamento das verdadeiras relações do homem com Deus.

Tal era o desejo ardente de todos os que dispensavam algumas horas a pensar nos destinos da humanidade. E de feito nenhum seculo apparecera mais azado para as grandes evoluções da sciencia. A semente tinha sido lançada á terra desde eras remotissimas; todos mais ou menos tinham sido operarios na tarefa, porque todas as gerações, ainda sem o sentirem, que desaparecem da superficie do terra, lançam outras tantas pedras no edificio da civilisação — edificio grande, magestoso, indefinido, como indefinida é a perfectibilidade humana. As escolas philosophico-religiosas desde a mais remota antiguidade até então, e principalmente aquellas de que já fallamos, tinham ensinado grandes verdades; o seu defeito era misturarem-nas com torpissimos erros, que a fragilidade humana abraçava de preferencia áquellas. O que, pois, faltava era o sabio, que, tendo o criterio sufficiente para distinguir umas dos outros, proclamasse aquellas como unica norma da vida, derivando d'ellas as suas necessarias consequencias, e profligasse para sempre com energia os erros e absurdos, que até alli tambem tinham tido a sua defeza, sujeitando-se elle proprio ás suas prescripções para dar o exemplo. Ora n'uma idade, em que tudo começava a ser chamado ao campo da critica e da analyse, em que o grande numero de escolas destruia com a sua propria existencia o *ipse dixitismo*, e em que as sciencias pro-

fanas se manifestavam por uma prodigiosa abundancia de bellas e ricas producções, não admira que estivesse tambem proxima a vez de uma reforma religiosa pelo nexo necessario e intimo que ha entre todas as sciencias e pela sua mutua influencia. Por isso razão tinham os que previam que brevemente appareceria uma nova era de ventura, que satisfizesse os desejos das nações, como canta o poeta Mantuano na sua ecloga iv.

Dos povos sujeitos e vassallos de Roma eram os judeus aquelles que sempre tinham conservado idéas mais puras a respeito da moral e religião; pelo que justo era que, assim como em Roma, onde as letras eram mais florescentes, se encetára a reforma litteraria, a religiosa fosse iniciada na Judêa. A religião judaica, como nacional e transitoria, não podia satisfazer as necessidades de todos os homens, que por esta epocha começaram a olhar-se não como seres isolados uns dos outros, mas como entes que, pela identidade de destinos, tinham interesses communs e solidarios, que a todos e a cada um convinha promover e alcançar. Demais a experiencia de longos annos, ainda nos de maiores privações e angustias para o povo hebreu, tinha bem patentemente mostrado que as leis de Moysés e dos outros chefes posteriores não eram sufficientes para remediar os males, em que por vezes a fragilidade e as paixões lançaram este povo; e ai da religião que não souber por estímulos convenientes conter o homem na prosperidade, e dar-lhe os precisos lenitivos nos dias de afflicção e amargura! A religião judaica, formada segundo as diversas circumstancias em que este povo se tinha achado no decurso da sua existencia, devia deixar de existir no momento em que taes circumstancias desaparecessem; tanto mais quanto es-

tava recheada de superstições, de ritos pueris e ridiculos, era, se assim nos podemos exprimir, uma religião *carnal*, e continha muitos principios e preceitos adulterados, mórmente desde que a seita dos phariseus ganhou preponderancia. Uma religião, que mirava a fins politicos e mundanos, sem ter na devida conta a pureza das consciencias, devia levar os homens á hypocrisia. As seguintes eloquentes palavras do Evangelho mostram como os escribas e phariseus tinham chegado ás suas ultimas consequencias d'ella:

«Ai de vós, escribas e phariseus hypocritas, que só vos importaes das exterioridades, estando vosso coração cheio de iniquidades e injustiças !

«Ai de vós, escribas e phariseus hypocritas, que, apparentando-vos justos, quando estaes repletos de hypocrisia e maldade, vos assimilhaes aos sepulchros branqueados, exteriormente apraziveis aos sentidos, mas interiormente cheios de ossos dos mortos e de podridão !

.....

«Ai de vós, escribas e phariseus; ai de ti, geração d'esta idade; ai de ti, Jerusalem, que, em vez de ouvirdes a voz do justo, que, como a gallinha quer reunir em volta de si os pintainhos, o apedrejaes e expulsaes, para que o seu sangue cáia sobre vós !

«Ai de vós, porque esta vossa morada ficará deserta !» ¹

Tal foi o grito de Jesus de Nazareth, que veio preencher o vacuo dos corações, destruindo com mão possante a religião, que encontrou na epocha do seu apparecimento, e alevantando outra santa, pura e immaculada, que havia de elevar o homem á altura de toda a

¹ S. Math., xxiii.

sua dignidade, e abrir vastissimos horisontes á civilisa-
ção, fazendo que os povos pelo seu desenvolvimento
physico e intellectual caminhassem com passo firme na
estrada indefinida do progresso e aperfeiçoamento, a
que são destinados.

INFLUENCIA DA RELIGIÃO CHRISTÃ SOBRE O DESENVOLVIMENTO PHYSICO E INTELLECTUAL DOS POVOS

I

Por mais que se queira reprimir e algemar o espirito humano, sejam quaes forem as censuras e restricções a que tentem sujeital-o, ha de sempre elle, zombando das prisões, seguir a derrota que a Providencia lhe marcou. É da sua essencia tudo querer conhecer, analysar, criticar; estudar e examinar os factos por todos os lados, indagar-lhes as origens e causas; comparar com elles as instituições vigentes, e estas com a natureza humana e suas tendencias. Se da confrontação resulta antinomia, estão perdidas irremediavelmente as instituições, porque lhes falta a base — a consciencia humana rejeita-as.

Começa então outra especie de trabalho e estudo do espirito. Votado á condemnação o que existe, resta descobrir o que se lhe deve substituir, e um processo inteiramente differente começa a pôr-se em acção. Até aqui chamaram-se á autoria as idéas, os factos e as instituições para se vêr com que contribuiam para a grande obra do progresso e para a perfectibilidade hu-

mana; agora estuda-se a natureza humana para se conhecer de que instituições carece.

São processos diferentes, que conduzem ao mesmo resultado—a convicção profunda e inabalavel da necessidade de uma reforma. Opera-se então a revolução e o que fôra obra e admiração de seculos, cáe perante a idéa nova, que vem realisar a sua missão até que outras necessidades lhe designem tambem um termo ao seu imperio.

E como não ha aspiração do homem, como não ha principio, theoria ou instituição, que não estejam sujeitos ao exame da nossa intelligencia e do nosso espirito, porque o homem, sob pena de abnegar da sua dignidade e excellencia, não póde admittir outro guia, pelo menos immediato, das suas acções e dos seus desejos a não ser a razão, synthese do espirito que elabora os diversos conhecimentos, qualquer que seja a fonte d'onde emanem, para vêr o que n'elles ha de verdadeiro ou falso, de bom ou mau; e como, apesar de a razão ser sempre uma e immutavel, como a propria verdade e bem, diversas são as suas maneiras de pensar, julgar e decidir, porque diversas são as circumstancias que se apresentam no caminho da peregrinação do homem, e por differente aspecto se manifestam ao espirito as idéas e cogitações nas differentes epochas da sua existencia, sendo que até é proprio da natureza humana o rejeitar hoje idéas que ámanhã applaude e procura traduzir em factos, e vice-versa: d'aqui provém que se operam transformações e mudanças em todas as espheras da actividade humana sem que alguma d'ellas se possa attribuir o titulo de permanente e eterna.

As instituições humanas são como o proprio homem: nascem, crescem, morrem e transformam-se, para sobre

os seus restos resurgirem outras consentaneas á epocha, em que vão reger os destinos da humanidade. Assim como o homem primitivo, physicamente, soffreu grandes revoluções na sua organização sem todavia perder o character essencial e proprio da sua natureza até chegar ao estado actual, assim tambem o homem moral tem a sua historia de alterações e mudanças.

Em politica, no mundo economico, nas sciencias, nas artes e industrias, nas instituições, no direito, na moral, n'uma palavra em todos os ramos da actividade humana, se tem operado atravez das idades evoluções mais ou menos lentas para attestarem que o homem não é um sêr parasita da creação, que esteja circumscripto por um circulo de ferro, mas para bem alto clamarem aos defensores do *statu quo* e aos inimigos do progresso que tudo no mundo tem de caminhar, caminhar indefinidamente, porque a realisação de umas aspirações dá origem ao apparecimento de outras, e assim successivamente, visto que é lei dos homens a perfectibilidade.

Não escapa á influencia d'esta lei a religião. Sendo esta uma das mais bellas e necessarias manifestações do espirito humano, não podia este deixar de applicar-se ao aperfeiçoamento dos conhecimentos attinentes a ella, e portanto ao das instituições que lhe dão corpo e vida. A historia das diversas seitas religiosas, que no mundo tem apparecido, é a prova experimental do que deixamos dito. Os inquisitoriaes tempos em que se devia crer por crer, em que se deviam aceitar sem exame nem reparo as prescripções auctoritarias, e em que se julgava ser impiedade o indagar a razão philosophica de qualquer preceito ou theoria religiosa, passaram para não mais voltar.

Os ditos alheios só podem produzir em nós o pezo que lhes provier das razões em que se fundarem. Crer no que é inepto, ter por verdade o impossivel, são afirmações que Tertulliano podia fazer no III seculo da era christã, mas que hoje, por serem palpaveis absurdos, ninguem se entretem em discutir. *Credibile est quia ineptum est, certum est quia impossibile est*, diz elle no seu tratado *De carne Christi*.

A revolução religiosa e philosophica, ensaiada no XI seculo, posta em prática no XVI, e amplamente desenvolvida e engrandecida no XVIII, reivindicou os direitos da razão, que até alli parece ter sido esquecida. Sim, hoje tudo é passado pelo crisol da critica. Nada escapa á investigação e analyse dos espiritos. A razão, reivindicando e attestando os seus direitos, proclamou-se soberana. Boa ou má conselheira, é a ella só que pertence dirigir a humanidade. Entregar-se o homem nos braços de outrem, receber de auctoridade externa o que devia procurar saber por si, aceitar sem criterio o que os outros dizem sem se importar de investigar os fundamentos, as causas, o porque d'essas affirmações, crer só porque assim o manda crer uma auctoridade revestida de mais ou menos prestigio, será em verdade, como diz Tertulliano ¹, grande descanço e até economia de tempo, mas de certo é improprio do homem, que, como sêr pensante creado por Deus, tem restricta obrigação de se guiar pelas suas faculdades. A consciencia humana é o juiz unico das acções e cogitações do homem, e acima d'ella só Deus, que julga os corações. O homem perante Deus responde pela boa ou má intenção que o leva a obrar.

¹ Tert., «De præscriptione», cap. XIV.: «Auctoritati credere magnum compendium est et nullus labor».

É este um principio moral e juridico, que hoje felizmente ninguem contesta, e que já a philosophia introduziu na legislação criminal dos povos cultos. E porque? porque o homem só deve seguir a sua razão, a sua consciencia. Bemaventurados são os limpos do coração, disse Jesus Christo; e esta verdade é a traducção do que até aqui temos exposto — o unico guia, o unico juiz, o unico crisol por onde ha de ser aferido tudo quanto respeita ao homem, á sua razão e consciencia.

Mas nem por isso as nossas crenças deixam de ter uma base solida. A fé cega substituiu-se a fé illustrada, a fé baseada em conhecimento de causa. Quando o espirito, depois de examinar uma cogitação por todos os lados, depois de analysar e criticar um facto, depois de investigar as suas causas, os prós e contras da sua manifestação e existencia, se cria a convicção intima e inabalavel de que a idéa exprime a verdade, e o facto o bem, então não ha motivos que o possam arrancar d'essa crença, e baseado n'ella tudo sacrifica, tudo abandona pela idéa que d'elle se apoderou. A fé auctoritaria, logo que se desvanece o prestigio de quem a inspira, começa a enfraquecer e deixa no coração do homem um vacuo, que jámais póde tornar a preencher-se. É que não havia lançado raizes na propria natureza do homem, e por isso uma vez abalada cae para nunca mais surgir, como a donzella que deixou emmurhecer as flôres da sua corôa virginal.

Mas a fé racional, a fé que provém do estudo e do labor do proprio homem, a fé com motivos, a fé illustrada como a quer o Apostolo das gentes, essa fé que tem sido a geradora de todas as invenções e de todo o aperfeiçoamento e progresso, essa, se alguma vez se

perde, é para dar logar a novos fructos mais sãos e mais saborosos, é para de suas cinzas resurgirem novas idéas e mais altos commettimentos.

É por estes principios, claros, evidentes, de que hoje estão de posse todos os homens, embora alguns tentem suffocar os dictames da alma para os substituir por preconceitos velhos e inveterados; é por estes principios, repito, traduzidos actualmente nos habitos, costumes e no modo de viver e obrar de todos os homens, embora alguns affirmem por palavras o contrario, que todas as instituições cercadas de uma aureola mysteriosa e symbolica tendem a desapparecer para dar logar a outras mais simples e naturaes e mais accomodadas á natureza humana.

É por estes mesmos principios que em moral os *tucioristas* ou *rigoristas* foram supplantados pelos *probabilistas* ¹.

Não se póde negar que desde o xvi seculo até hoje a lucta empenhada entre a auctoridade e a razão tem cada vez mais affirmado os direitos d'esta e desacreditado aquella. E porque resistir á corrente, para que nos impelle a nossa natureza? Porque não confessamos francamente que como seres dignos de merito, sujeitos a responsabilidade, só podemos ser obrigados a seguir as faculdades, que nos elevam como taes acima dos outros seres da creação? Que têm lucrado na contenda os incredulos do poder da actividade e da intelligencia humana? Que fructos têm colhido o Catholicismo da guerra desastrada que declarou ás conquistas do espirito humano? A historia encarrega-se de desenrolar o triste su-

¹ Schenk!—«*Ettica Christiana*,» edição de Coimbra de 1859, t. 1.º, §§ 106 e 110.

dario d'este combate sanguinolento, em que Roma tem ficado sempre vencida. Acontecimentos bem recentes ainda, e na memoria de todos, attestam a loucura de se querer obrigar o espirito a reconhecer doutrinas, que lhe repugnam. Roma, fadada para centro de todo o orbe christão, esqueceu-se de que o homem só como homem póde e deve ser tratado, e por isso tem visto fugir os seus filhos uns após dos outros, formando communhões á parte. Estudem-se com circumspecção e reflectido exame as origens das heresias e dos scismas, e em todos ou quasi todos se encontrará por causa determinante e efficiente a imposição, que Roma queria fazer dos seus dogmas sem permittir, que a razão procurasse por si assegurar-se da verdade d'elles. Exarar os capitulos de um symbolo, e pretender que o anathema se encarregue de o implantar nos corações, é, de feito, a mais esteril de todas as tarefas e a mais prejudicial de todas as theorias para o progresso da humanidade, a cuja lei providencial esta foi submettida pelo Creador.

Se o *ipsedixitismo*, se a immutabilidade fossem attributos da religião, como justificar o apparecimento do Christianismo no mundo? A maior revolução que a historia nos attesta é sem duvida a operada por Jesus Christo na Judêa, d'onde se estendeu a todas as partes do mundo; e as gerações bemdizem o Redemptor, que veio consolar os afflictos e trazer allivio ao mal dos homens, e maldizem os que pretenderam estorval-o na sua santa e augusta missão.

Dirão que Jesus Christo fallava em nome de Deus, que é o senhor de pôr e dispôr, mas que ao homem não é permittido analysar e esquadrinhar o que em nome de Deus foi dito. Seja assim; mas tambem em nome de Deus defendiam os judeus a sua religião, em nome de

Deus prohibiam que ella fosse alterada ou substituida, em nome de Deus accusaram Jesus Christo de pretender subverter as instituições judaicas, e finalmente em nome de Deus o pregaram na cruz! E todavia os judeus são os maldictos da humanidade, porque, tendo ouvidos, não ouviram a doutrina santa, e, tendo olhos, não viram a verdade.

A verdade é que é a palavra de Deus, e só falla em nome e por ordem de Deus quem proclama a verdade. *Eu sou quem sou*, é a definição que Moysés, recorrendo ao mytho da sarça ardente, deu de Deus ao povo hebreu; a verdade é o que é, disse Santo Agostinho, um dos maiores padres da Egreja. Onde está a verdade, allí está Deus; procurar este e aquella é o dever do homem, o qual, uma vez convencido de a ter alcançado, não póde renegar d'ella perante quaesquer imposições ou violencias.

Não deve, pois, arreceiar-se de soffrer rigoroso exame e severa critica a doutrina verdadeira, pois nada tem a perder com isso, antes lucra. Ainda suppondo que a razão humana se tresvaria, o que é possivel, e não reconhece a verdade onde ella existe, é todavia certo que mais cedo ou mais tarde reconhece o seu engano, e sabe fazer justiça; além de que, emquanto ella não reconhece como verdadeira e boa qualquer doutrina ou instituição, podem estas, quando muito, grangear adeptos tibios ou hypocritas, mas nunca sectarios crentes e fervorosos, que se aproveitem e façam aproveitar aos outros todos os fructos que provêm do que é bom e verdadeiro.

Se a religião christã não tivesse sido tão mal interpretada por aquelles, que se blasonam de a conservar pura e intacta e de a defender de todos os ataques e corruptelas, não nos offerceria de certo a historia tan-

tos desvarios a lastimar. É certo que muitos heresiarchas nunca quizeram chegar, onde a final se encontraram depois de renhido combate com a Igreja. Mas a natureza humana é assim formada: quer defender uma idéa que o seu espirito lhe apresenta como verdadeira; se lh'a atacam, se o querem inhibir de expandir e manifestar os seus pensamentos e sentimentos, se pretendem abafar-lhe e reprimir as suas aspirações, d'ahi a pouco já se não contenta com a defeza do principio ou theoria, que fez alarme no campo dos correligionarios, mas outros indicios de rebellião se accentuam cada vez mais de modo que no fim da lucta é inteiramente impossivel a conciliação, que a principio com facilidade se poderia obter, e o que separa o grupo revoltoso da communhão já não é um ou outro dogma, mas uma doutrina inteiramente differente, e muitas vezes recheada de principios altamente subversivos.

Ninguem ignora que a religião é o mais firme esteio da familia, o mais solido sustentaculo das sociedades e nações, uma poderosa alavanca do progresso moral e material dos povos e dos individuos. Ligando o homem á divindade, fazendo-lhe entrever a verdade absoluta, a sabedoria sem restricções, a bondade sem mancha, incita-o a approximar-se d'ellas, remodelando pela idéa de bem o seu coração, no qual criam fundas raizes a virtude e a moralidade, e assim começam a apparecer e fortificar-se os sentimentos de paz, caridade, benevolencia, amor, justiça e igualdade. Eis como a religião é productora do progresso e desenvolvimento moral. Mas não são só estes os seus admiraveis resultados. Bastava attender-se ao nexo intimo e indissoluvél das faculdades e aspirações humanas, como modos todos de

ser do espirito, que é um e indivisivel, para logo á primeira vista e sem grande esforço se conhecer que o desenvolvimento moral não póde adquirir-se, nem effectuar-se, sem que ao mesmo tempo d'elle participe o desenvolvimento intellectual, que até é a base d'aquelle. O progresso moral consiste na inclinação da vontade para o bem, na emenda dos maus habitos e costumes, e na prática de acções boas. Mas, como já deixamos entrever, qualquer propensão do homem não é duradoura nem efficaz, se não fôr fortemente escudada pela razão, isto é, se a intelligencia não estiver convencida da verdade do preceito moral. A verdade é a base e precursora do bem. Ensinai ao homem a verdade, apresentai-lhe o que é bom, guiai-o por theorias sãs e puras, e o homem será morigerado; abri escolas, diffundi a instrucção, arreigai no espirito humano perfectos conhecimentos de Deus, e o crime tenderá a desapparecer.

Não é, porém, só pelos conhecimentos religioso-theoricos que a religião concorre para o progresso intellectual dos povos. Se a ligação entre a intelligencia e a vontade, como funcções do mesmo sêr pensante, é tal, segundo vimos, que o desenvolvimento de uma caminha a par do da outra; com mais razão as diversas manifestações da mesma faculdade se influenciam reciprocamente. A idéa de Deus, que concretiza as idéas absolutas da verdade, do bem e do bello, que são os tres typos a que se referem todas as manifestações do espirito humano, necessariamente é a base e principio de todo o progresso intellectual. Todas as faculdades humanas foram criadas para conseguirem o fim do homem, que consiste na sua perfeição, e Deus é o typo da perfeição.

Concorrendo, pois, efficazmente a religião para o

desenvolvimento intellectual e moral dos homens, não pôde tambem deixar de ser uma forte alavanca do progresso material e physico. Em verdade, todas as obras do homem, que têm por fim satisfazer-lhe as suas necessidades e commodidades physicas, são o resultado de longas e ininterrompidas vigílias do espirito, que primeiro adquire a idéa e os principios, depois os desenvolve e amplia, e a final os traduz em factos e instituições. A sciencia promove e desenvolve a arte. Demais, os preceitos religiosos tendem a subordinar o estímulo da sensualidade, que fortemente actua na natureza humana, ao estímulo da honestidade ¹, e portanto tornam moderado o homem em todas as suas necessidades physicas e sensuaes, cujo abuso ninguem ignora ser altamente prejudicial á saude do corpo, á propagação da especie, e portanto ao desenvolvimento physico dos individuos.

Mostrada *á priori*, ainda que d'um modo vago, a influencia da religião no destino do homem, no seu desenvolvimento physico e intellectual, o que melhor desenvolveremos no decurso d'este trabalho, fica evidente a necessidade que ha de se chamar ao campo da discussão e analyse a religião christã.

Ha dezoito seculos que esta religião domina no mundo. Já passou tempo de sobra para a experiencia attestar qual a sua influencia, se os seus principios e regras concorreram para o estado de adiantamento e progresso, em que nos encontramos, ou se pelo contrario tem oferecido obstaculos á civilização e ás aspirações dos povos. Sim, quando os espiritos se afervoram em procurar

¹ Schankl — «Ethica Christiana», ed. de Coimbra de 1859, t. 1.º, §§ 1 a 12.

o que ha de bom e verdadeiro em tudo quanto rodeia o homem, não póde deixar de se perguntar á religiãõ christã pelos beneficios que trouxe e ainda póde dar á humanidade, não póde deixar de se examinarem bem todas as suas prescripções e comparal-as com a natureza humana, com as suas tendencias, com as descobertas e leis do espirito, a vêr se a sua missão está terminada, ou se pelo contrario devemos depositar n'ella a confiança que inspirou aos primeiros christãos, e que os tornou pela sua regeneração, pela sua coragem e dedicação, immortaes na memoria dos successores.

A historia é a mestra da vida, disse Tullio: por isso torna-se necessario interrogal-a e tirarmos d'ella lições para o futuro.

Não se pódem renovar os tempos em que os profanos se contentavam com a porção de conhecimentos que os sacerdotes, os iniciados na sciencia, tinham por bem conceder-lhes. A sciencia é universal, é de todos e para todos. O que é verdadeiro e bom é para todos os homens e para todas as classes. «Ha muitas cousas verdadeiras que nem todos devem saber», disse Varrão, mas o tempo lançou ao ostracismo tal affirmação. Não se estranhe, pois, que nós, não nos tendo dedicado aos estudos theologicos e ecclesiasticos, entremos no dominio da historia ecclesiastica. Não é a qualidade da pessoa, mas a qualidade das razões, que auctorisa os escriptos e asserções.

Bastava attentar na influencia que a religiãõ exerce no physico do homem e nas suas faculdades animicas, e que as sciencias medicas nada mais pretendem do que dar e conservar ao homem a regularidade das suas funcções organicas, intima e indissolovelmente ligadas com as funcções do espirito, para se conhecer o nexo

entre estas sciencias e as theologicas. *Mens sana in corpore sano.*

Demais, infelizmente, não deixa ainda de haver quem pretenda descobrir antagonismo entre a religião e a medicina, assacando a esta o tomar sob a sua protecção as theorias materialistas. Convém, pois, que repillamos de nós tão pungente accusação, mostrando que as sciencias, como filhas do mesmo tronco e tendo o mesmo objectivo — a verdade, jámais pódem repugnar umas ás outras.

Estas poucas palavras são sufficientes para nos justificar de escolher para thema da nossa dissertação — a influencia da religião christã sobre o desenvolvimento physico e intellectual dos povos.

Sem mais delonga vamos entrar n'este estudo, determinando primeiramente a comprehensão da palavra religião e os principios e doutrinas, que Jesus Christo ensinou e propagou em pró da regeneração dos homens.

II

Como o termo —*religião*— não tem ainda na sciencia uma significação precisa, sendo tantas as definições quantos os que se têm occupado d'este assumpto, precisamos nós, para se conhecer a procedencia das nossas asserções, de previamente determinarmos o ambito em que tomamos esta palavra.

Ha muito que os theologos e moralistas discutem se a moral é sciencia inteiramente independente da re-

ligião, ou se pelo contrario se acham unidas por nexo tão indissolúvel que uma não possa subsistir sem a outra, e, conforme seguem uma ou outra opinião, assim divergem na demarcação da esphera que attribuem á religião. E em verdade é evidente que os sectarios da separação entre a moral e a religião não pódem definir esta do mesmo modo que os que pensam que na palavra *religião* tambem se comprehende a moral.

Mas não é só esta a base das differenças que se notam na determinação d'este termo. Tanto os sectarios da distincção, como os contrarios, divergem entre si sobremodo, o que certamente é devido á transcendencia d'esta materia, que, embora parta de um ponto certo —a existencia de um ente necessario, todavia abrange assumptos bastante melindrosos para a intelligencia humana.

Por isso, sem fallarmos em todos os philosophos e theologos, que se têm occupado d'esta materia, o que, além de desnecessario, seria trabalho longo e demorado, limitar-nos-hemos a transcrever as definições de alguns, o sufficiente para se conhecer a diversidade em que fallamos.

Kant ¹ e com elle muitos outros definem religião o *conhecimento dos nossos deveres, emquanto são prescritos por Deus*; para outros *religião é apenas a convicção da existencia da ordem moral*; Prunji ² comprehende n'esta palavra o *conhecimento de Deus e das suas perfeições, do culto que devemos prestar-lhe, e dos nossos deveres, bem como o cumprimento d'estes*; Math. Dan-

¹ Kritik der urtheil.

² Syst. Theol. Dogm. Christiano—cath., ed. de Coimbra de 1848, § 24.

nenmayer ¹, sem a definir, adopta esta mesma doutrina; Bergie ² diz que é o *conhecimento de Deus e do culto divino, com a firme resolução de praticar este dever*; Schenkl ³ faz da palavra religião a descripção seguinte: *a persuasão racional e o conhecimento da existencia de Deus, como legislador santissimo, juiz da moralidade e remunerador na vida futura, e o firme e constante desejo de obrar em harmonia com esta fé e conhecimento de agradar a Deus por acções santas e justas, e de conformar todos os nossos pensamentos e actos com as leis divinas e com o fim que Deus determinou ao homem.*

Nós, sem desconhecermos que os objectos da moral e da religião são mui diversos, pertencendo áquella unicamente a exposição dos deveres do homem sem relação nenhuma com a idéa da Divindade, e a esta o que diz respeito ao Ente Supremo e ao culto que devemos tributar-lhe, não podemos deixar de reconhecer efficaçaz, e por vezes necessaria, a influencia dos motivos religiosos na prática dos deveres, e por isso consideraremos como objecto de religião o campo da moral.

Em verdade o homem pela sua razão conhece que tem um fim a cumprir, uma missão a satisfazer, e que para isso tem de empregar os meios consentaneos e convenientes. Não é da natureza d'este trabalho, nem nosso intento estudar, e, por assim dizer, dissecar a natureza humana, para conhecermos as suas tendencias, os seus desejos, as suas aspirações e as suas necessidades, e assim determinarmos o fim do homem. Suppondo, pois, conhe-

¹ Inst. Hist. Eccl., ed. de Coimbra de 1855, §§ 42 e 43.

² Dictionn. de Theol., ed. de Paris de 1863, vb. «Religion».

³ Ethica Christiana, ed. de Coimbra de 1859, § 42.

cido e estudado o homem, limitar-nos-hemos a dizer que é seu fim a *perfectibilidade*, isto é, a realisação dos bens que podér ir gosando e adquirindo, de modo que uns são meios para se alcançarem outros, e assim indefinidamente, porque indefinidas e illimitadas são as aspirações do homem. A satisfação de umas necessidades provoca outras, porque o homem tende a approximar-se do bem absoluto, e d'este modo qualquer que seja o ponto de vista, em que se considere este sêr da criação, enconral-o-hemos sempre sob a influencia da lei providencial do progresso.

Todos os seus actos se dirigem á satisfação de uma necessidade: a difficuldade está em conhecer e distinguir claramente as necessidades reaes das ficticias, afim de que, julgando seguir a estrada do progresso e realisar um bem, não retroceda e pratique o mal abraçando a nuvem por Juno.

A nenhum outro fim miram as artes, as industrias, as descobertas, as invenções, as sciencias, todos os labores e fadigas do homem, senão a adquirir-lhe gosos, a satisfazer-lhe desejos, a conseguir-lhe bens, ou estes sejam materiaes ou espirituaes, os quaes todos se auxiliam e todos cooperam para a perfeição da humanidade.

Mas todos esses bens serão ephemeros e enganosos, se o homem, tratando só de algumas das suas aspirações, não se importar com a regeneração da sua vontade, que é o centro para onde devem convergir todos os seus esforços. Ora a morigeração do homem só se pôde conseguir pela sujeição do estimulo da sensualidade ao estimulo da honestidade.

Constantemente alliciado pela sensualidade para as ruins paixões, que lhe arruinam a saude, depravam o coração, e prejudicam os seus semelhantes e a socieda-

de, ao mesmo tempo que o estímulo do bem se esforça por converter aquella propensão em instrumento da sua felicidade, é dever do homem envidar toda a sua coragem, não em suffocar aquella inclinação que é congenita á sua natureza, mas em regular o seu uso pela honestidade e pelo estímulo do bem. Para se conseguir esta harmonia entre os dous estímulos, que parecem antinomicos e repugnantes, precisa o homem de constantemente se guiar pelos preceitos da lei moral, não consentindo jámais que as paixões prevaleçam sobre os dictames da razão. Seguindo esta, o homem será util á sociedade, praticando para com ella os deveres que a moral impõe, e saberá cumprir a sua missão, concorrendo para o desenvolvimento dos outros e de si proprio pela prática da virtude.

A virtude, que regenera e purifica a vontade, é a motora do progresso moral do individuo e da sociedade, e por consequencia tambem do bem estar physico, sobretudo no que diz respeito á conservação da saude, pois que a grande maioria dos preceitos da moral, que é a sciencia que se occupa da virtude, isto é, dos nossos deveres, tende a moderar e regular o uso das faculdades sensuaes, as quaes, desregradas, mais que nenhuma outra causa promovem e fomentam a ruina do corpo.

É por isso que a sciencia moral prescreve deveres que o homem tem a cumprir para com os seus semelhantes, e deveres para consigo mesmo, dos quaes uns tendem á perfeição do espirito, outros á do corpo; e a obrigação de cumprir todos estes deveres impõe-n'a a razão, que, conhecendo a verdade e o bem, em nome d'elles ordena á vontade que se conforme com taes deveres.

O fundamento, pois, da obrigação moral está na verdade dos preceitos moraes. O homem não é obrigado

a praticar este acto e a omittir aquelle, senão porque um exprime a verdade e o bem, e o outro traduz o erro e o mal. Sêr livre e intelligente, não podia o homem deixar de ter em si um guia que lhe mostrasse a verdade para a abraçar, e o bem que d'ella deriva para o praticar.

Mas, ainda que o homem deve praticar os preceitos moraes só porque a sua consciencia assim lh'o ordena, ainda que deve amar a verdade pela mesma verdade, e praticar o bem só pelo proprio bem, ninguem pôde negar que nem sempre, infelizmente, são escutados os avisos da consciencia e os mandatos da razão, e que muitas e muitas vezes o homem não acha em si motivos sufficientes para, no mar de contradicções e de enganos seductores em que a natureza o lançou, poder chegar a porto seguro de salvamento. A fragilidade humana, as suas inclinações para a prática dos actos prohibidos e para a omissão dos ordenados, são tão fortes que raras vezes a voz da consciencia, ainda auxiliada pela sanção das leis civis, é sufficiente para conter o homem nos limites da justiça, e para o desviar do caminho do mal em que o lançam as paixões. É então que a religião, ensinando-lhe a conhecer Deus, mostrando-lhe como norma as perfeições divinas, sancionando os preceitos moraes em nome do Ente Supremo, vem trazer balsamos de consolação para os remorsos do mal praticado e suggerir motivos efficazes que são os unicos que podem refrear e conter os desvarios do coração humano.

«Sendo as leis civis pouco efficazes para dirigir as acções humanas, só as crenças religiosas, pelo imperio que têm nas consciencias, dispoem os homens para a livre prática do bem—só ellas pôdem contel-os no limite da equidade, e afastal-os pela convicção mais que pelo

temor, dos delictos que a sociedade condemna, e as leis punem com rigor inexoravel». Assim se exprime um escriptor portuguez. ¹

São estas as razões por que qualquer religião, para ser completa, não se póde limitar a dar conhecimentos de Deus e de suas perfeições, nem a prescrever os actos do culto, mas tem de desenvolver todos os preceitos moraes, firmando-os na auctoridade divina. Assim têm feito todos os reformadores religiosos; assim praticou Jesus Christo.

Em vista d'isto é facil de conhecer que não podemos admittir nenhuma das definições de religião, que acima expendemos. Se a definição dada por Kant reconhece que á religião pertence dar uma sanção divina e efficaz á moral, é certo que lhe nega o estudo das perfeições divinas, d'estes principios theoricos, que são a base da mesma moral, e, não se admittindo esta, muito menos se póde admittir a dos que sómente vêm na religião a persuasão de que existe uma ordem moral. Á parte a de Schenkl, que só pecca por não determinar precisamente o objecto da religião, tambem não podemos seguir a de Prunyi, que não suggere motivos para a prática das nossas acções, e muito menos a de Bergier, que exclue todo o conhecimento e prática da moral.

Para nós a palavra *religião* abrange o conhecimento das perfeições divinas e do culto que devemos tributar-lhes, e dos deveres que temos a cumprir para com os nossos semelhantes, e para comnosco, tanto os relativos á perfeição do espirito, como os respectivos ao bem do corpo, bem como o cumprimento de todos elles em nome

¹ Snr. Martiniano Marrecas—Noç. Elem. de Antig. Rom., pag. 4.

da auctoridade e prescripção de Deus, como supremo legislador e juiz.

Por isso n'este nosso estudo temos de attender constantemente a estes dous pontos da religião christã—verdades que Jesus Christo ensinou emquanto ao Sêr Supremo e vida futura, e preceitos moraes derivados d'aquellas, que estabeleceu como norma de vida para o homem.

Antes, porém, de expendermos os pontos capitaes da doutrina christã, duas observações convem fazer.

É a primeira que só exporemos as verdades e preceitos da religião contidos nos livros do Novo Testamento, porque esses são aquelles com que Jesus Christo consignou a reforma social a que se propoz.

A segunda consiste em declararmos que, para o nosso proposito, é absolutamente desnecessario fallar no ensino symbolico e mysterioso, com que a cada passo se depara nas escripturas sagradas, e a que recorrem todas as religiões. Só trataremos das verdades comprehensíveis á razão humana, porque foi por meio d'estas que ella se illustrou e enriqueceu, fazendo renascer do antigo mundo um mundo novo cheio de vida e de esperanças.

III

Já demos a entender que Jesus Christo não veio ao mundo fundar uma religião inteiramente nova, e quebrar todos os laços que ligavam as gerações do seu tempo ás passadas.

Preceitos uteis e aproveitaveis continham os systemas philosophico-religiosos, que a antiguidade tinha visto apparecer, mas com elles andavam envoltos muitos erros, muitos prejuizos e muitos principios falsos e perniciosos, além de outros que, por antiquados, tinham terminado a sua missão.

Expurgar a verdade do erro que lhe offuscava todo o seu brilho, substituir os principios e preceitos antiquados por outros que os novos progressos reclamavam, completar o systema defeituoso e acanhado dos sabios antigos com doutrinas sãs e progressistas — tal foi a obra de Jesus Christo, que ha 19 seculos lançou as bases da maior revolução social que se tem visto nos fastos da humanidade, por meio da santa e pura doutrina que se lê nos livros da boa nova.

Na parte theorica ensinou Jesus Chisto a unidade de Deus ¹, ente perfeitissimo ², auctor e governador de todas as cousas ³, pae summamente bom e de todos amantissimo ⁴, misericordiosissimo para com todos os peccadores arrependidos ⁵, ao qual por isso se deve prestar e tributar o culto do maior respeito ⁶; doutrinou tambem a existencia de uma vida futura e eterna, para conseguir a qual o homem precisa de seguir o caminho da justiça; prérgou a immortalidade da alma, o premio da virtude e o castigo do crime, o merito e demerito dos actos humanos e o livre arbitrio do homem ⁷.

¹ Marc. XII, 28; Joann. XVII, 3, 1.^a Ep. ad Cor. VIII.

² Math. V, 48; Joann. IV, 24

³ Math. VI, 40 e 44; Act. XVII, 28; Joann. V, 46.

⁴ Math. V, 48; VI; Joann. XVII; Marc. X, 48.

⁵ Math. VI, 42; Luc. XV; Joann. III, 46.

⁶ Math. XXVIII, 49.

⁷ Math. X, 28; V, 42; Marc. XVI, 46; Joanna. III, 6 e 46; VIII, 21 a 24 e 46; XVII, 20 a 25; Ep. ad Tim. IV, 8; 1.^a Ep. ad Cor. III; V, 37.

Na parte prática preceituou o amor para com Deus e para com os nossos semelhantes, e n'estes preceitos fundou o seu systema ¹, o temor da justiça divina ², a observancia dos preceitos divinos e a obediencia á lei ³, a imitação das perfeições divinas ⁴, a justiça, a caridade, o amor da verdade e do bem, a paz, a igualdade e a fraternidade ⁵, a gratidão ⁶, a dignidade humana e a humildade ⁷, a pureza e a castidade ⁸, a resignação ⁹, a esperança e o firme proposito de sempre progredir no caminho da perfeição ¹⁰; condemnou a lascívia e a luxuria ¹¹, o homicidio, a oppressão e o roubo ¹², a gula e a intemperança ¹³, a soberba e a preguiça ¹⁴, a avareza ¹⁵, a impaciencia e a ira ¹⁶, a inveja ¹⁷, etc., proscreeu a polygamia simultanea e estabeleceu a indissolubilidade do matrimonio ¹⁸.

¹ Math. XXII, 37 a 44; etc.

² Math. X, 28.

³ Math. VI, 25; Joann. VIII, 24; Ep. ad Rom. V, 16 a 23; VII.

⁴ Math. V, 48.

⁵ Ep. ad Rom. XIII, 8 e 31; 1.ª Ep. ad Cor. XIII, 4; Ep. ad Philipp. IV, 8; Math. XIX, 18; Joann. VIII, 44; Ep. ad Gal. V, 20; Math. XII, 49; Marc. III, 33 e 34; Luc. VIII, 21; Ep. Jac. III, 9; Ep. ad Philipp. II; Math. XIX, 5 e 6.

⁶ Math. XXII, 38.

⁷ Math. VI, 4; XX, 26; Luc. XVII, 10; 1.ª Ep. ad Cor. IV, 7; VI, 20; 2.ª Ep. ad Cor. VI, 26.

⁸ Math. V, 8 e 27; Ep. ad Ephes. V.

⁹ Math. V, 3; Ep. ad Hebr. XII.

¹⁰ Math. VII, 7; Joann. XIV, 13; Ep. ad Philipp. III, 13 e 14.

¹¹ Math. V, 28; 1.ª Ep. Joann. II, 15 e 17; Ep. ad Rom. VI, 12.

¹² Math. V, 21 e 22; XIX, 18; XXIII, 34 e 35.

¹³ Luc. XVI; XXI, 34; Ep. ad Rom. XIII, 13.

¹⁴ Math. III, 10; VII, 19; XXV, 24 a 30; Luc. I, 47; X, 45; 1.ª Ep. Joann. II, 15 a 17; Ep. ad Rom. I, 30; XII, 11.

¹⁵ Math. VI, 19; Marc. VIII, 36; Luc. XII, 15; 1.ª Ep. ad Cor. VI, 10.

¹⁶ Ep. ad Hebr. X, 36; Math. V, 22; Ep. ad Gal. V, 20.

¹⁷ Ep. ad Rom. I, 29; XIII, 13; Ep. ad Gal. V, 15 e 20.

¹⁸ Marc. X, 11 e 12; Ep. ad Rom. VII; Luc. XVI, 18; Math. XIX; Ep. 1.ª, ad Cor. VII.

IV

Prescrutando-se a historia atravez dos seculos, que a humanidade tem atravessado, todos os factos, todos os acontecimentos e todas as epochas attestam uniforme e constantemente, que os esforços do homem e as suas manifestações espontaneas ás vezes, tendem ao seu desenvolvimento e ao da sociedade, de que elle é membro solidario. Igualmente mostram que, embora umas vezes o progresso social pareça ir avante do individual, todavia na origem, na causa primordial das instituições sociaes lá apparecem primeiro a idéa que concebeu o plano, e a energia, a força e a inclinação que o executaram. É que o desenvolvimento social é todo filho do homem, é que os factos sociaes são o reflexo e a imagem do pensamento humano; e d'este modo a historia junta-se á philosophia para attestarem que não ha effeito sem causa, que o desenvolvimento individual é precursor do desenvolvimento social. ¹

Estudem-se as instituições absolutas, a causa da sua criação, do seu desenvolvimento e da sua permanencia, mas antes d'ellas estão os jurisconsultos preocupados com idéas erroneas do direito, as theorias e regras do direito philosophico recheadas de erros e prejuizos, que depois são transladados e compilados em codigos das nações, os quaes são os sustentaculos d'essas instituições.

¹ Vid. Guizot—Hist. da Civilis. na Europa, Lição 1.^a

Caminham os tempos, os homens da lei começam a ser impressionados por idéas mais salutaes e judiciosas, reformam-se os codigos, e cáem as instituições. Assim é em tudo; condemnada a idéa, em breve desaparece a instituição que lhe dá corpo e que, por assim dizer, a concretisa na vida dos povos.

Por esta ligação intima e necessaria, que existe entre as idéas e os factos, entre a theoria e a prática, facil é conhecer quanto os principios e verdades christãs, que expozemos no capitulo precedente, haviam de concorrer para o progresso da humanidade.

Proscripto o polytheismo e dualismo em presença da unidade de Deus, que os primeiros christãos prégarão por todo o orbe então conhecido, começaram de radicar-se profundamente no espirito e coração de todos as idéas de igualdade e fraternidade, pois que todos os homens procediam do mesmo tronco e tinham perante o auctor da vida o mesmo merecimento.

Apresentado aos fieis o Ente Supremo como pae summamente bom e benigno, compadecido das fraquezas humanas, ao mesmo tempo que remunerador da virtude e juiz do vicio e do crime, e não como o Jupiter tonante dos pagãos, ou o Deus irado dos Judeus, o Jehovah vingativo, o Deus dos exercitos, em nome do qual se decretava o exterminio dos povos e das nações, e se impunham penas atrozes para os crimes de pequena importancia, tiveram os povos um modelo perfeitissimo para por elle refundirem os seus costumes e modo de vida, deixando em ignominioso esquecimento os actos infamantes e atrozes que até então encontravam desculpa nos defeitos dos proprios deuses, que eram por isso os primeiros a incitar os homens ao vicio e ao crime, havendo até em tempos antigos festas obscenas e lascivas

celebradas em honra e gloria dos deuses protectores d'estes crimes!

D'estas verdades fluiam naturalmente as da dignidade humana, cuja origem remontava ao Ente Supremo; da sua superioridade sobre os outros sêres da criação, aos quaes não foi, como ao homem, concedido conhecer a causa da sua existencia, os meios de acção, nem o fim a que são destinados; da consciencia de que o proprio homem é o auctor do seu bem, assim como o é do mal que lhe advem, concorrendo para o primeiro pelo recto uso das suas faculdades e actividade, e promovendo o segundo pelo abuso das mesmas, quando não refrêa a tempo as paixões, a que é susceptivel a natureza humana em razão da sua propria fragilidade e do meio em que vive—e assim procreveu o Christianismo de um modo peremptorio as theorias fatalistas, que são o maior estimulo dos affectos desordenados, e uma fonte perenne e abundante de immoralidade e iniquidades.

Igualmente d'estes principios decorrem como corollarios o amor de todos os homens entre si, que d'ahi em diante não se olharão como inimigos, que devem ser avassallados, exterminados ou, pelo menos, roubados, mas como verdadeiros irmãos e todos iguaes entre si, com os mesmos direitos e as mesmas obrigações, em tudo dignos de respeito, sendo solidarios nas desgraças e nas venturas, como membros de uma unica sociedade—a humanidade, e devendo todos á porfia aperfeiçoar-se e caminhar na estrada do progresso, e concorrer para a perfeição dos outros; a obediencia á lei, o amor da justiça e da caridade e a apothese da verdade e do bem, que são os firmes esteios da civilização moderna, e os grandes motores dos aperfeiçoamentos que a historia offerece.

D'aqui as tendencias para a tolerancia e paz, que os padres da egreja e alguns sabios dos tres primeiros seculos da era christã tão bem souberam exprimir nas suas apologias em favor dos sectarios da boa nova, que, sob o imperio de alguns tyrannos que subiram ao solio imperial de Roma, eram, já pela ira popular, já pelos decretos dos imperadores, perseguidos atrozmente pelo unico *crime* de professarem uma religião pura, santa e immaculada, em que se continha a redempção dos proprios perseguidores! Arreigadas estas idéas nos povos, todos trabalharão por conservar entre si as boas e sinceras relações de amizade fraternal, olhando com horror esse monstro chamado a guerra, que tudo corrompe e destroe, não poupando as cidades, nem as villas e aldeas, passando por cima dos campos, que representam o suor do trabalho humano e são a esperanza e riqueza das familias, a fouce devastadora, atravez da qual se divisa a fome e miseria, e, o que mais é, ceifando vidas preciosas e queridas, que deixam na orphandade os tenros filhos, inconsolavel a esposa, contristados os parentes e amigos. *Amai-vos uns aos outros* é a formula com que a cada passo se depara nos livros sagrados, mormente nos escriptos de S. João, o discipulo amado, cujas palavras, todas ternura, carinho e amor, como que confundem n'um só todos os corações da humanidade. E quem não vê que as aspirações dos grandes philosophos, que têm vindo ao mundo depois do Christianismo, para a pacificação das nações se fundam inteiramente n'este preceito evangelico?

Sim, a consciencia humana formada e remodelada pelas verdades christãs em caso nenhum pôde desculpar e, muito menos, justificar a guerra aggressora, não reconhecendo como sufficiente a brandura que os trata-

dos das nações civilisadas têm introduzido n'este grande duello dos povos. É necessario para a verdade christã resplandecer com toda a sua magnitude e grandeza, que, a par das idéas que hoje geralmente condemnam e fulminam a guerra, se celebrem e *cumpram* os tratados entre todas as potencias afim de se submeterem as questões levantadas entre os estados a um supremo arbitrio. Quando vier esse tempo, quando as idéas de fraternidade e solidariedade, hoje reconhecidas universalmente entre todos os homens, se estenderem na prática tambem aos estados, serão tidos na verdadeira consideração os louvaveis e humanitarios esforços de todos aquelles que trabalham por extinguir as causas dissolventes e retrogadas, que ainda fluctuam na sociedade, e serão olhados com respeito esses obreiros da civilização, que para muitos hoje são meros utopistas, mas que amanhã serão os *realistas* da grande idéa.

E, em verdade, ninguem poderá conscienciosamente negar que seja esta mais uma conquista do Christianismo, que já tem conseguido muito n'esta parte, e, temos fé, ha de completar a sua obra. Esta idéa de uma paz universal e permanente, onde a sorte céga das armas e o direito da força sejam substituidos pelo julgamento imparcial e pacifico da arbitragem, hoje tão sympathica a todos os pensadores e tão grata a todos os corações, lá se encontra em todas as paginas do Novo Testamento, e alguns grandes homens da igreja christã, revestidos da coragem que lhes dá o seu Codigo, têm algumas vezes sabida e prudentemente conseguido applicar os animos de potencias, prestes a lançarem-se no caminho de reciproco exterminio. E é certo que tambem todos os que combatem por esta nobre idéa, vão procurar os argumentos aos livros sagrados e aos preceitos da religião

christã, que condemna o exterminio de qualquer membro da familia humana, seja qual fôr a fórma ou pretexto que se queira apresentar para desculpar a guerra, que em si mesma, e independentemente de quaesquer circumstancias aggravantes, é injusta e iniqua.

D'este rapido esboço, que a natureza do presente trabalho nos obriga a encerrar em tão estreitos limites, deprehende-se que todas as verdades e preceitos do Christianismo decorrem naturalmente das justas concepções, que o mesmo estabeleceu a respeito do Ente Supremo, o qual é fonte e norma de toda a verdade e bem. Por isso com razão dizia Cicero: «Sem idéas verdadeiras ácerca de Deus é impossivel não campearem livremente grosseiros erros.»

E, de feito, a religião é a mola real das sociedades. Sem ella, embora aparentemente se manifestem os povos com grande actividade e força de vida, no meio de todas as suas lucubrações apparece o mal, corroendo e enfraquecendo as instituições e os individuos. O mal aggrava-se, os symptomas caracterisam-se mais depressa, quando as idéas religiosas estão falseadas, porque então já não é a falta das verdades religiosas, que deixa sem apoio a familia, e sem dique a corrente impetuosa das paixões—é a propria religião a dar corpo e origem a instituições más e subversivas, a perverter os sentimentos e offuscar a razão. Apparece então o vicio com todas as suas perniciosas consequencias a ser parte necessaria da vida e dos habitos dos povos, invadindo francamente tudo, tudo degenerando. Assentado um preceito religioso falso, depois não ha meio de parar na carreira do erro, da ignorancia e do crime; e, se em tudo se verifica o dictado do *abyssus abyssum invocat*,

mais se realisa elle em materia de religião, onde é intima a ligação entre todos os principios.

Do mesmo modo, mas em sentido inverso, se observa igual phenomeno nas doutrinas religiosas, que contêm idéas exactas e regeneradoras. Formado um conceito verdadeiro da Divindade, basta seguir os preceitos da logica para se conhecerem as relações do homem para com o Ente Supremo, d'onde naturalmente se manifestam como que sem esforço o fim do mesmo homem, os seus meios de acção, as suas faculdades, o seu destino e as suas justas aspirações, o que tudo são as unicas bases seguras para se fixarem as regras que o devem guiar no cumprimento do dever e em procura da felicidade, que é onde está o verdadeiro progresso e a verdadeira civilização.

É assim que, como vimos, do conhecimento do verdadeiro Deus, que Jesus Christo veio trazer, se deduzem as outras verdades salutaes relativas á vida futura, que é o complemento da idéa de justiça encarnada sem mancha na Divindade, á immortalidade do espirito humano, ao premio das boas acções e punição das iniquidades, á dignidade e liberdade humanas, e finalmente a todas as verdades práticas, em que já fallamos. Mas o proprio Jesus Christo e seus discipulos não se limitaram a expôr os conhecimentos respectivos á divindade, desenvolveram clara e explicitamente todos os corollarios, que d'alli podia e devia inferir a intelligencia humana, afim de que os sophismas da falsa philosophia não intentassem desviar do seu alvo a regeneração da humanidade. No capitulo antecedente citamos os logares biblicos, onde, além de muitos outros, se encontram taes verdades e preceitos, e, se podessemos descer á analyse particular de cada um d'elles, veria-

mos que em todos os respeitos é verdadeira a asserção que fizemos de que um bom systema religioso depende do modo como elle dá a conhecer a Divindade. E, na realidade, se os deveres preceptivos fluem espontaneamente, como vimos, das verdades typos, personificadas em Deus, *a contrario sensu* sempre d'estas mesmas verdades fluem igualmente todos os deveres prohibitivos, como a prohibição da luxuria, homicidio, etc.; visto que para a consecução de um fim é necessario não só empregar os meios conducentes a elle, mas evitar todos os obstaculos que se lhe oppoñham.

A ligação, que ha entre todas as idéas, entre todas as regras, bem como entre todos os factos e instituições, bem deixa vêr quanto a religião christã deveu influir no desenvolvimento dos povos e dos individuos, não só pelas verdades que ella explicitamente ensinou, mas ainda pelas deducções a que estas forçosamente deviam conduzir.

O exposto é sufficiente para se conhecer a influencia da religião christã sobre o desenvolvimento intellectual dos povos. As idéas falsas e perniciosas foram substituidas por outras verdadeiras e eminentemente progressistas; ás vistas acanhadas, em que se mergulhara a humanidade antes da vinda de Christo, succedeu um horisonte vasto e espaçoso, começou uma nova era, a redempção elevou o genero humano á dignidade que lhe pertencia.

A propagação d'este desenvolvimento intellectual não se fez esperar. Comparando as obras dos escriptores immediatamente posteriores a Jesus Christo com todas as dos philosophos anteriores, ainda os de maior cunho, não podemos deixar de notar uma differença radical entre os escriptos de uns e de outros. E cousa digna

de notar-se é que tal differença se encontre não só nos escriptores christãos, mas ainda nos pagãos, posto que a d'estes não seja tão sensível. As obras do pagão Seneca, contemporaneo de S. Paulo, são a prova da nossa asserção. É que ninguem póde deixar de ser mais ou menos affectado pelas idéas dominantes do meio em que vive.

Vejam, porém, como este progresso introduzido pelo Christianismo nas idéas se insinuou nas instituições e habitos dos povos.

Longa carreira se abria agora diante de nós, mas o tempo obriga-nos a limitar esta analyse apenas a algumas instituições, que sirvam como exemplos do que deixamos dito.

Um dos mais bellos preceitos do Christianismo é, sem duvida, a caridade, que é o complemento dos principios de fraternidade e solidariedade, que o mesmo estabeleceu entre todos os homens. Todos os homens são iguaes, é preceito evangelico; mas a natureza não é igualmente prodiga para com todos, e d'aqui a differença de posições, de meios de fortuna e de modo de vida, e d'aqui tambem a miseria que em todos os tempos tem esmagado sob o seu peso deleterio a pobre humanidade, que desde o berço lucha com os terriveis effeitos *d'ella*, sem jámais ter podido resolver o difficil e complicado problema da extincção d'este cancro social. Os effeitos da miseria são medonhos, o mal está patente, encontra-se nas cidades e nos campos, de dia e de noite, entre os velhos e as creanças, manifesta-se em toda a parte e por diversos modos; mas o remedio efficaz ainda não appareceu apesar dos esforços dos economistas que tudo pensam resolver pelo trabalho e pela associação, como se a miseria só affectasse os valetudi-

Caridade
 Miséria
 do
 Miséria

narios ou não começasse muitas vezes a opprimir a creança logo que esta vê a luz do mundo, e como se a miseria de uma familia não absorvesse ás vezes todos os lucros dos seus membros.

Não ha duvida de que o trabalho auxiliado pelas associações, sobretudo as cooperativas, é a unica fonte solidida de riqueza, e um dos meios que muito attenuam a miseria e o vicio; mas os seus beneficios são limitados e improficuos para extinguir todo o mal, e onde o trabalho se mostra impotente, só a caridade christã pôde levar auxilio e conforto á orphã desamparada, á viuva afflicta, á creança abandonada, ao velho sem forças. *Comerás o pão no suor do teu rosto* era já preceito da lei mosaica, que o Christianismo transplantou para o seu codigo, mas o Christianismo completou o preceito, acrescentando: *dá aos pobres, consola os afflictos, ama o teu proximo como a ti mesmo* ¹. Os economistas aproveitaram a primeira parte do preceito, e, phantasiando a sociedade a seu belprazer, porfiaram em affirmar resolvido o problema, para o qual deviam aproveitar tambem a segunda parte do preceito evangelico. Em harmonia com este preceito, começaram logo os christãos do primeiro seculo a traduzil-o na prática e a introduzil-o na vida dos povos, creando os diaconos, diaconissas e presbyterissas ², para administrarem as offertas, distribuirem-nas pelos pobres, e para visitarem os doentes e enfermos.

Taes foram as primeiras boas instituções, que o Christianismo fez apparecer, e que o andar dos tempos

¹ Math. XIX, 19 e 21, etc.

² Act. VI, 4, e seg., VII e VIII; 1.^a Ep. ad Tim. III, 8, e V; ad Rom. XVI Just. M. Apol. 1.^a cc. 66 e 67.

converteu e transformou em confrarias, irmandades e congregações, das quaes umas ainda existem e outras têm sido mais ou menos reprimidas pelas leis civis em razão de se terem desviado algum tanto do seu instituto, aliás tão santo e humanitario.

Á mesma causa se deve ir procurar a origem das rodas, que, se por um lado accusam ás vezes a dureza de coração das mães, por outro e quasi sempre são um refugio da honra da mulher, a quem perdeu uma céga paixão alimentada pela sensualidade do homem sem consciencia. Aqui é uma innocente que, lutando com os deveres de mãe e com a vergonha e des-honra que o mundo inflige sarcasticamente á desgraça, e não podendo mais supportar a idéa da ignominia que a espera, vai expôr o filho de suas entranhas, como o menor dos males entre a *morte* da mãe ou do filho; alli é uma familia pobre e sem recursos, a quem a providencia torna fértil em descendencia, que acha abertas as portas da roda ou hospicio, onde o filho tem segura uma alimentação mais abundante e sadia do que encontraria no seio da familia, que só poderia repartir com o recém-nascido a miséria que a cerca.

Bem sabemos que de tudo, ainda o mais santo, se póde abusar, e que os abusos nas rodas têm sido e continuarão a ser sem numero; mas qual é a instituição, por melhor e mais proficua que seja, de que se não possa e não tenha abusado? Mas o que se não póde negar é que a idéa fundamental, toda filha do Christianismo, a qual presidiu á admissão das rodas em todas as nações civilisadas, não seja altamente humanitaria e aproveitavel, seja qual fôr a fórma que ella revista, e quaesquer que sejam as modificações introduzidas nas rodas pela experiencia e segundo as circumstancias. E

os abusos podem muito bem senão extinguirem-se, ao menos minorarem-se, sobretudo subsidiando os paes pobres afim de elles mesmos poderem satisfazer ás exigencias da alimentação e educação de seus filhos, como já se vai providenciando na legislação civil de alguns povos, e especificadamente entre nós depois da promulgação do codigo civil, que impoz essa obrigação ás camaras municipaes.

Um facto mais brilhante ainda estava reservado ao Christianismo—era a emancipação dos escravos, a abolição da escravatura. Uma religião que perante Deus não reconhece graus nem gerarchias, que reputa todos os homens iguaes e irmãos, não podia deixar de gemer ao contemplar o quadro desolador da escravidão, em que o homem acorrentado á ignorancia, á miseria e á sujeição absoluta e incondicional, como que alienava a sua natureza e dignidade para ser arrolado e contado entre as cousas moveis do senhor severo, que tinha o direito de pôr e dispôr, de vida e de morte sobre um seu semelhante. Longos annos têm levado a libertação da humanidade, nem instituições da natureza da escravatura pôdem ser destruidas pela base n'um momento dado, mórmente por tal instituição se ter inoculado na vida e nos interesses dos povos a ponto de parecer, ser condição indispensavel da existencia da sociedade. Aos sophismas de homens, aliás de elevado talento, que tomaram sobre si o inglorioso encargo de defender a escravidão, foi necessario oppôr tenaz e constantemente argumentos escudados na religião, na philosophia; foi necessario fazer-lhes interessar o coração na sorte dos desgraçados, e fazel-os presenciar a vida afflictiva e dolorosa do escravo. Aos argumentos concludentes, apresentados pelos homens de bom coração em favor da abo-

lição da escravatura, foi necessario juntar a poesia e a litteratura para se acertar melhor o golpe que havia de abalar essa instituição, que constantemente accusava a humanidade de perversa e injusta.

E acima de tudo isto estavam ainda os interesses pecuniarios dos senhores, e as fortunas de numerosas familias compromettidas; o que tudo tornava de difficil solução este problema. Mas os homens educados nos sentimentos christãos não desistiram até que foram coroados em grande parte os seus esforços.

É assim que hoje vêmos, senão completamente extincta, pelo menos condemnada por todos os homens e governos a escravatura, que se acha em algumas partes apenas transitoriamente tolerada, afim de harmonisar o interesse com a verdade.

Dezenove seculos de lucta, que ainda tem infelizmente de se prolongar, attestam que a semente das boas doutrinas não se lança debalde no coração dos homens; e todo este espaço de tempo tem durante o combate conservado sempre o character distinctivo d'esta lucta altamente christã. E, de feito, é em nome do Christianismo que todos os *abolicionistas* arvoraram a bandeira da igualdade, e corajosamente arrostaram todas as difficuldades, escudados no exemplo dos bispos dos primeiros seculos da egreja christã, que souberam insinuar no animo dos imperadores a necessidade de mitigar as agruras da vida do escravo, e conseguiram que muitos senhores déssem carta de alforria a seus escravos e servos.

A historia ecclesiastica aponta muitos exemplos de bispos que em dias solemnes na egreja davam a liberdade aos escravos com annuencia dos *donos* e *senhores*; e taes factos começaram logo no principio do Chris-

tianismo, o que mais nos confirma na idéa de que a lucta, ainda vigorosamente debatida n'este seculo, não foi mais do que a continuação da iniciada pelos bispos christãos.

Mais que nenhuma outra seita religiosa ou philosophica, o Christianismo ensinou sem reboço e sem ambiguidades ou sophismas a liberdade humana, propalando bem alto a dignidade de todos os homens, e condemnando a injustiça e oppressão d'elles. Era, pois, necessario traduzir em factos esta theoria, o que fez, promovendo a emancipação dos escravos, como acabamos de vêr, e dando novas bases á familia, como logo veremos.

Mas não é só na liberdade civil dos individuos e dos povos que temos a admirar os beneficios da religião christã. Tambem estes se estenderam á constituição e organização politica das nações.

Estudando-se a organização das primitivas egrejas christãs, encontra-se n'ellas a mais ampla liberdade de discussão e um governo inteiramente democratico. Basta attender ao modo, como tractou o collegio apostolico de resolver a questão agitadissima, que se levantou entre os christãos de Antiochia sobre se, mesmo depois de Christo, se deviam ou não observar os ritos e ceremonias do codigo mosaico, para ficarmos plenamente convencidos de que todos podiam expôr francamente a sua opinião, e de que todas as questões se resolviam á pluralidade de votos. Tambem ninguem negará que na fórmula, pela qual se resolveu esta memoravel contenda, de que nos dão noticia os livros sagrados ¹, se acha a norma dos concilios que pouco tempo depois se torna-

¹ Act. XV.

ram instituição permanente da igreja christã ¹. A tudo isto acresce o modo como eram escolhidas as auctoridades ecclesiasticas; pois que é ponto averiguado hoje entre os historiadores que para os cargos da igreja eram nos primeiros tempos escolhidos por suffragio, a que eram chamados clero e povo, os que pareciam mais dignos ².

O principio representativo e o da eleição, que são parte integrante dos governos democraticos, os quaes a philosophia do direito prefere a quaesquer outros, acharam pois apoio na igreja, e foram praticamente sustentados por homens eminentes. É facil de vêr que taes principios se deviam mais ou menos estender aos estados politicos, mórmente depois que os homens mais conspicuos da igreja começaram a rodear os imperantes civis; e de certo Constantino Magno deveu de ficar impressionado ao entrar no concilio de Nycea do modo como na igreja se resolviam os negocios que lhe eram relativos.

Não podemos, todavia, deixar de confessar aqui, que, se exceptuarmos as reuniões conciliares, que têm durado até nossos dias, bem depressa a igreja se esqueceu d'estas fórmas populares e democraticas para se apropriar uma organização inteiramente absoluta. Mas o que tambem se não póde deixar de confessar, é que a organização primitiva da sociedade christã prova que as idéas liberaes e democraticas são as que concordam e se harmonisam com as doutrinas do Christianismo.

E se as paixões e ambição dos homens podéram proscreever esta bella organização, é certo que na histo-

¹ Zallwein—Princ. juv. eccl.

² Dannenmayer—Inst. Hist. Eccl., t. 1, pag. 49 e 53; Act. Apost. VI.

ria ficára documento sufficiente e argumento inconcusso de que a liberdade e igualdade, tal como Jesus Christo e seus discipulos a ensinaram e prégarão, deve e póde ter realisação em todas as espheras da actividade humana, e póde applicar-se a todos os factos da vida dos individuos e das sociedades. E a continuacão dos concilios attesta que os homens não poderam extinguir de todo a idéa democratica.

Largo tempo conseguiram os ambiciosos que ficasse abafado na historia este exemplo; mas tambem logo que em alguma parte se levantasse o grito de emancipação politica, viria a mesma historia em apoio dos seus defensores. E, coisa admiravel, foi ainda a igreja que levantou este grito, e foi em nome das idéas religiosas que se operou a revolução. Sem entrarmos em grandes promenores, aliás alheios ao nosso intento, notaremos que, após a guerra declarada por Luthero contra Roma, começou logo a entrar em discussão a liberdade de consciencia, e as igrejas protestantes começaram a organizar-se democraticamente, embora depois inconsequentes fossem depositar aos pés dos imperantes civis o poder ecclesiastico. É certo porém que tornaram no seculo XVI a serem affirmadas as idéas democraticas, e ninguem duvida que muito concorreu esta lucta para a reforma philosophica do XVIII seculo, cujos beneficos fructos de liberdade e democracia nós hoje estamos gosando.

Este rapidissimo exame serve para refutar cabalmente os sectarios das idéas absolutas que, alliando hypocritamente o throno com o altar, pretendem vêr uma norma digna de ser imitada pela sociedade civil na constituição actual da igreja catholica, e querem defender

esta constituição e organização pelos livros dos agiographos do Novo Testamento.

Nada mais incoherente do que querer justificar o absolutismo pelas idéas christãs, que lhe são inteiramente oppostas e que abertamente o condemnam. Aquelles que mais empenhados deviam ser em apregoar os beneficios que o Christianismo tem feito á civilização e ao progresso, parecem esquecidos da sua missão, e terem por intento tornar odiosa a nossa santa religião pelo facto de a quererem associar á defesa de más causas.

E já que estamos mostrando, ainda que mui summaria e resumidamente, a influencia do Christianismo na sociedade politica, não passaremos ávante sem desfazermos e rebatermos uma accusação que alguém tem feito a esta religião.

Ninguém ignora que são preceitos evangelicos o perdão das offensas recebidas e o amor para com os inimigos. Têm apparecido porém alguns individuos, sempre promptos a quererem desfigurar e achar defeitos ainda nas melhores cousas (se de boa, ou má fé, outros que o digam), que julgam vêr n'estes preceitos a negação da existencia dos tribunaes judiciaes e a impunidade do crime, sem se lembrarem de que as contendas devem pleitear-se, e a punição do crime póde e deve conseguir-se e promover-se sem rancor nem odio, mas unica e exclusivamente com o intuito de se alcançar a regeneração do criminoso, que é o unico fim racional da pena, e sem tambem attenderem a que é a propria religião a primeira a fulminar o crime e a exigir uma expiação condigna.

Se estes pensadores reflectissem, em vez de accusarem estes preceitos do Christianismo, veriam n'elles a justificação das theorias modernas da penalidade, as

quaes felizmente já vão sendo introduzidas nos codigos penaes, que modernamente se têm confeccionado em varias nações.

E como já n'outra parte d'este trabalho deixamos entrevêr a influencia do Christianismo na reforma da legislação penal dos povos, limitar-nos-hemos aqui a dizer duas palavras sobre as penitenciarias.

Por mais estranho, que se seja aos debates juridicos, não se póde deixar de dar attenção á grande aza-fama com que actualmente todos os jurisconsultos se empenham á porfia em condemnar o systema de penalidade existente, e em substituil-o pela prisão em cadeias penitenciarias, onde o delinquente consiga o remorso do mal praticado, a emenda de vida e a morigeração dos costumes por meio do trabalho, instrucção e prática dos preceitos religiosos. E, de certo, muito louvavel é este empenho dos homens da lei, que têm sido secundados pelos governos, em tornarem boas e socia-veis as pessoas que uma vez se afastaram do caminho da honra, e em aproveitarem os membros da sociedade que as leis penaes cada vez mais absurdas enraizam no crime e na perdição.

Começa pois a raiar na legislação penal dos povos uma aurora de redempção para os criminosos, que d'ora em diante ¹ não serão escarnecidos pela sociedade e lançados por ella ao monturo da desgraça e miseria, mas sim como caros filhos tresviados, que ella procura por meios apropriados reconduzir ao caminho do bem, estando de braços abertos prompta a recebê-los no seu seio, logo que se opere a regeneração.

¹ Entre nós foram mandadas construir as cadeias penitenciarias por lei de 1 de julho de 1867.

Mas ainda esta saluberrima instituição é filha e proveniente do Christianismo.

Quem não vê que esta instituição está symbolisada na parábola do filho prodigo do Evangelho? Os primeiros christãos instituíram a penitencia canonica, pela qual estabeleceram diferentes graus por onde os delinquentes tinham de passar afim de com os exercicios religiosos, que havia em cada um d'esses graus, irem conseguindo a regeneração da vontade e ficarem aborrecendo o delicto que haviam commetido, até que finalmente, expiado o peccado e morigerado o coração, entrava o criminoso no gremio dos fieis, e, recebido entre festas e alegrias, bemdizia a sociedade que de mau o tornou em homem de bem e prestadio a si e a seus semelhantes.

Tal era a instituição da penitencia publica, que vigorou por largos annos na egreja, e cuja idéa fundamental — a *absolvição do criminoso logo que se regenera e emende* — sempre tem existido na egreja embora sob outra fórma. Confrontando, pois, esta doutrina da egreja com as idéas dos jurisconsultos modernos, não se póde deixar de reconhecer que estes as foram beber ao Christianismo; e tambem é certo que todos os philosophos, que se têm occupado d'este importantissimo assumpto, confessam a grande influencia do Christianismo na instituição das penitenciarias.

Fallaremos tambem agora da influencia da religião christã no direito civil em geral. Ninguem ignora que o direito civil dos romanos se tornou a legislação de todos os povos civilisados, começando a regular as relações dos cidadãos já desde a idade media, pois que os barbaros apesar de vencedores foram muito influenciados pelos costumes mais brandos e suaves dos vencidos, e acabaram por adoptar a sua legislação. Mais tarde, á

maneira que do cahos da idade media se iam formando as diversas nações da Europa moderna, regularam-se estas pelo mesmo direito, que vigorou até os nossos tempos, que viram apparecer em quasi todos os povos codigos confeccionados mais em harmonia com os progressos da philosophia do direito, mas ainda em grande parte conservadores das regras do direito romano, que nos ultimos tempos do imperio, principalmente sob o governo do imperador Justiniano, attingiu um alto grau de perfeição.

Ora é facto bem sabido que os rigores do direito romano do tempo dos reis e da republica foram successivamente modificados pelas constituições dos imperadores, principalmente desde Constantino Magno por diante, em harmonia com a suavidade do Christianismo. A religião christã, abrindo novos horisontes á intelligencia humana, e fornecendo idéas mais adequadas a respeito da justiça, deu larga margem á reforma do direito civil romano, promulgando-se leis mais rectas e sabias, sendo as formulas *stricti juris* substituidas em grande parte pela *equidade* dos pretores.

Se podessemos analysar cada uma das prescripções do Codice e das Pandectas de Justiniano, que têm causado a admiração de todos os jurisconsultos e legisladores, observaríamos a grande parte que n'ellas teve o Christianismo, em nome do qual até muitas vezes se promulgavam as leis, mesmo quando estas não eram feitas nos concilios. Principalmente no que diz respeito á constituição da familia e ao direito successorio, que são dous dos pontos mais importantes do direito civil, a differença entre o direito dos imperadores christãos, mórmente de Justiniano e o dos pagãos, é capital, sendo que ainda na sua grande parte é esse o di-

reito das nações modernas. O poder illimitado do *pater familias* sobre a mulher, os filhos e os descendentes d'estes, a irregularidade e a injustiça do direito successorio foram substituidos por um poder paternal de brandura e amor, pelas relações conjugaes de protecção e fidelidade, pela partilha da mãe no poder sobre seus filhos, por meio de regras racionaes e philosophicas a respeito dos testamentos e da successão *ab intestato*.

Bem sabemos que alguns tentam explicar esta reforma completa do direito romano por causas inteiramente alheias ao Christianismo, mas debalde querem tirar esta corôa á religião do crucificado, que nos remiu, porque nos ensinou a amar a verdade, nos mostrou o bem, reformou os nossos costumes e instituições, e nos abriu o caminho da verdadeira felicidade.

É sestro dos homens receberem os beneficios, e serem ingratos para com o bemfeitor. Bem sabemos que da simples analogia entre duas instituições não póde só por isso induzir-se a procedencia uma da outra; mas quando á analogia se junta tambem o imperio das idéas, que são o apoio d'essas instituições, e sobretudo quando vêmos que perante os legisladores assistem os bispos christãos, como aconteceu em Roma depois de Constantino, sendo até pelos imperadores consultados aquelles vultos venerandos, negar a influencia do Christianismo em todas as instituições do povo romano, é não querer abrir os olhos á luz que de todas as partes se derrama.

Por isso não podemos deixar de chamar ingratos aos que pretendem desconhecer a influencia do Christianismo no direito civil romano.

A este respeito são dignas de lêr-se as seguintes palavras de Troplong, que na sua memoria—*De l'influence du christianisme sur le droit civil des romains*—tratou

magistralmente esta materia. Diz elle: «A legislação romana estava longe de reconhecer os direitos imprescriptiveis da natureza. Justiniano foi fiel á sua missão de reformador, elevando o direito a condições mais justas e humanas, e derrubando cada dia um panno do velho edificio para o substituir pelas prescripções do direito natural... Tal foi o systema concebido por Justiniano e seus conselheiros, systema o mais philosophico e perfeito que jámais existiu... e que sobreviveu a todos os ataques da barbaria, á resurreição do principio aristocratico na idade media e aos interesses tão ardentes do feudalismo. O codigo civil francez apoderouse d'elle, e n'elle procurou os seus melhores preceitos. N'este systema se encontram as opiniões mais liberaes e as mais sabiamente progressistas. Mas porque é que n'um seculo em que quasi tudo declinava, se elevou Justiniano tanto n'esta parte? É bem simples a explicação: no VI seculo a antiga civilisação estava decrepita; os estudos gregos, que tanto tinham contribuido para a civilisação romana, tinham terminado com a suppressão da famosa escola de Athenas; o polytheismo dava o ultimo signal de vida com a morte do seu ultimo representante; o patricio Phocio; a aristocracia romana tinha descido ao infimo grau, estando completamente impotente; no meio de todos estes destroços, um só elemento existia firme no seu posto—era o Christianismo. O que eram as sciencias em Alexandria e Beryto? simples corollarios da theologia. Qual o character das leis? dizem no os primeiros titulos do codigo Justiniano: *De summa Trinitate, de Episcopis et Clericis*. Em que se occupava de preferencia o imperador? em discutir questões ecclesiasticas. É pois innegavel que do Christianismo era que vinha o movimento, quer na ordem moral, quer

na ordem politica. Se é cousa sabida que uma epocha vai buscar ao elemento que a domina o principio de suas modificações, debalde procuraremos as transformações do direito romano fóra do Christianismo. É elle que decompõe e cria; é elle que, dissolvendo as instituições antigas, lança os elementos da reorganisação. Limitando-nos ao direito successorio, não é verdade que o Christianismo, fazendo da humanidade uma grande familia, estreitou mais os laços do parentesco, e que perante as suas idéas de igualdade e de mutua affeição deviam desaparecer as distincções entre aquelles que elle nos manda amar?... Logo que na lei appareceu a decomposição da familia antiga, o espirito sabiamente democratico do Christianismo devia dominar completamente e fazer assentar as regras das successões sobre as puras affeições da natureza, cuja sancção é a moral christã.» E depois de refutar os que pretendem justificar a reforma do direito romano pelos principios das escolas philosophicas, continua: «A creação de Justiniano é verdadeiramente original; mas não é uma descoberta fortuita de algum espirito superior ao seu seculo; é uma obra christã, preparada pelos trabalhos incessantes do Christianismo, e que apparece completa quando o Christianismo é tudo...»

Mais duas palavras a respeito da familia. Como vimos, o Christianismo fulminou a polygamia simultanea e estabeleceu a indissolubilidade por base do matrimonio. Estas duas prescripções são o sustentaculo da familia, a qual o Christianismo elevou á sua perfeição, promovendo a felicidade conjugal e a dos filhos; e de tal modo, graças aos esforços d'esta religião, se enraizaram nos costumes e legislação dos povos cultos, que hoje ninguem ousaria fundar a familia sobre differentes bases.

Outra manifestação grandiosa teve a religião christã na geographia. Jesus Christo tinha mandado annunciar a boa nova a todo o mundo, porque todo o mundo era enfermo e precisava de redempção. Incitados por este preceito são dignos de todo o respeito os vultos sympathicos, que arrostaram mares desconhecidos e furiosos para hastear a cruz do Salvador em terras selvagens, que converteram em fontes de commercio e de civilisação. A historia nos diz como os amigos do proximo venceram obstaculos inauditos para instruirem os povos ignorantes, pondo-os em contacto com o mundo civilisado, e promovendo assim a felicidade e os interesses de todos. Estudem-se os motivos, que moveram os descobridores do mundo, que para a Europa foi por muito tempo desconhecido, e sempre entre elles se encontrará, já como predominante, já como concomitante, o desejo ardente de levar a salvação aos homens, que ainda não tinham a felicidade de conhecer a religião immaculada de Jesus Christo.

Ahi ficam apontados alguns factos e instituições, onde se vêem evidentemente o poder e a influencia da religião christã. Muitos mais poderíamos apontar, pois que esta religião como dominante e salutar forçosamente devia ser a alavanca e motora de todas as manifestações da actividade humana. Ninguem, nenhum acto ou instituição, escapa ás idéas da epocha em que apparece; e se hoje parecemos desconhecer os beneficios, que recebemos do Christianismo, por termos ido recebendo a civilisação pouco a pouco, sendo umas idéas e instituições causa de outras, lancemos a vista para os povos que ainda hoje começaram a receber, graças aos beneficios das missões, os fructos do Christianismo, e, pela mudança rapida que n'elles se opera, ficaremos de uma

vez para sempre convencidos da grande influencia da religião christã no desenvolvimento intellectual dos povos.

Terminaremos este despretencioso trabalho, dizendo alguma cousa sobre o desenvolvimento physico.

Condemnando o Christianismo a luxuria, a gula, a preguiça, a avareza, a impaciencia e em geral todos os vicios e peccados e ensinando o remedio efficaz de os combater, oppoz um dique poderoso ás paixões, que arruinam o corpo e a saude, e depravam o espirito.

Limitemo-nos, porém, a examinar o vicio da gula e da luxuria. A sciencia medica não ignora que o excesso da comida e bebida, a gastronomia e a embriaguez, são causas frequentissimas de doenças funestas, que, ainda curadas, deixam vestigios e effeitos duradouros, que passam ás gerações futuras. Do mesmo modo são prejudicialissimos á saude e especialmente á descendencia os prazeres venereos, quando não são satisfeitos com parcimonia e por um recto uso. As enfermarias dos hospitaes e as casas domiciliarias estão frequentemente enxameadas de doentes miseraveis, a quem uma paralyisia ou uma frouxidão em todos os membros retem no leito da dôr e da desesperação.

E, quantas vezes, o mau uso das faculdades e da actividade do homem além de lhe arruinarem o corpo, e promoverem a desordem domestica, não levam o homem á loucura e demencia, transtornando-lhe todas as faculdades animicas!

É isto mais uma prova de que a religião christã, concorrendo para o desenvolvimento physico do homem, ao mesmo tempo promove o aperfeiçoamento da intelligencia pela relação intima e indissolvel entre o corpo e o espirito.

V

CONCLUSÃO

Ahi fica, ainda que em esboço muito rapido e ligeiro, demonstrado o muito que devemos ao Christianismo, e o muito que ainda temos a esperar d'elle.

Não foi outro o nosso intento, senão mostrarmos que entre as sciencias medicas e theologicas não ha a pretendida antinomia, que alguns têm tentado encontrar, talvez a isso levados por prejuizos e opiniões antecipadas.

As sciencias como irmãs, procedentes do mesmo tronco, embora se toquem em diversos pontos, não podem jámais repugnar entre si, porque a verdade, a que todas miram, é uma só e permanece sempre a mesma. Os falsos juizos humanos podem muitas vezes ofuscal-a, mas mais cedo ou mais tarde raiará com toda a lucidez, e os mesmos homens farão justiça.

É esta a sorte da verdade, assim aconteceu ao Christianismo. Perseguido, proscripto, escondia-se a principio nas catacumbas, e se por vezes se mostrava e pretendia reivindicar o lugar que lhe pertencia pela santidade de seus principios, era logo apedrejado ou lançado ás fogueiras como religião deleteria e prejudicial aos estados e aos individuos. Mas não decorreram inuteis

os tres seculos de perseguição, porque do sangue dos martyres brotavam cada vez mais e com maior energia novos sectarios do Christianismo, o qual em paga lhes ia promovendo a felicidade e produzindo os beneficios, que hoje formam o apanagio da nossa civilisação. E taes são os favores, que as gerações devem á religião christã, que ellas constantemente a bemdizem, não obstante os esforços de alguns, mas poucos, inimigos da verdade e do bem pretenderem já marcar termo a esta religião, que está destinada a atravessar incolume todos os seculos.

E é por isto, pela bondade intrinseca dos preceitos do Christianismo, e pelos beneficios que tem produzido, que hoje todas as sciencias á porfia concorrem para provar o seu merecimento, incluindo a medicina, e até aquellas que, como a geologia, começaram suas lucubrações por atacarem a religião, que nossos paes nos legaram.

FIM.

PROPOSIÇÕES

Anatomia. Não ha communicação immediata dos vasos placentares do feto com os da mãe.

Physiologia. O baço é um dos órgãos formadores dos leucocytos.

Materia medica. De todas as classificações pharmacologicas, optamos por a que se baseia na acção physiologica.

Medicina operatoria. Na operação da talha deve preferir-se ao methodo perineal o hypogastrico, modificado por Vidal de Cassis.

Pathologia interna. O tratamento da pneumonia é tão variavel como as fôrmas que esta doença affecta.

Pathologia externa. A blennorrhagia é uma doença especifica e virulenta.

Obstetricia. Nos partos naturaes simples não deve empregar-se a anaesthesia.

Anatomia pathologica. O carcinoma tem a sua origem no tecido connectivo.

Hygiene. A consanguinidade não contraindica o casamento.

Approvada.

Pimenta.

Póde imprimir-se.
O CONSELHEIRO DIRECTOR,
Costa Leite.

ERRATA

PAG.	LIN.	ERROS	EMENDAS
49	23	expurgal-os	expurgal-a
>	>	que os	que a